



## **Roda da Fortuna**

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo  
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

### *Apresentação*

#### *Ocidente e Oriente em desconstrução*

Ao longo dos séculos XIX e XX os estudos sobre a Antiguidade foram naturalizando a oposição entre Ocidente e Oriente como parte constituinte daquele passado que buscavam compreender.<sup>1</sup> Essa dualidade geográfica foi convertida em uma dicotomia sociocultural como parte estruturante das várias disciplinas que tinham as sociedades e as culturas da Antiguidade como objeto (História Antiga, Grego e Latim, Arqueologia Clássica, Egptologia, Assiriologia etc.).<sup>2</sup> Sem desconsiderar a necessidade de uma especialização crescente do trabalho, relacionada a contextos documentais e linguísticos distintos, é possível notar o peso de uma tradição marcada por práticas e discursos que construíram uma oposição (e uma hierarquização) entre culturas orientais e ocidentais no mundo antigo. As mesmas práticas e discursos fundamentaram uma visão histórica do progresso, que embasou e embasa a superioridade geopolítica dos imperialismos do século XIX e XX (Hingley, 2010; Mattingly; Alcock, 1997).

A denúncia do Orientalismo feita por Edward Said (2007; 2003) e o pós-colonialismo em geral abriram o caminho para inúmeras intervenções com impacto duradouro sobre os estudiosos da Antiguidade. Citamos aqui dois autores que permanecem gerando debates e polêmicas tanto no campo acadêmico quanto na realidade mais ampla: Cheikh Anta Diop (2010) e Martin Bernal (1987). Ambos foram fundamentais para a consolidação da crítica da separação entre as “essências” ocidental e oriental ao contestarem a narrativa tradicional no “milagre grego” e demonstrarem não apenas as raízes “orientais” do “ocidente”, mas também o racismo que marcava tal diferenciação.

---

<sup>1</sup> Um dos melhores exemplos da consolidação dessa operação está na introdução de *A Economia Antiga* de Moses Finley (1999).

<sup>2</sup> Para uma análise desse processo, cf. Morris e Manning (2005).

Nas últimas décadas o quadro geral mudou bastante e pode-se dizer que atualmente a dicotomia aparece cada vez mais recorrentemente como uma questão, como um problema de investigação. Esse movimento intelectual desarticulou a preeminência daquelas visões que entendiam a Antiguidade como uma teodiceia da razão ocidental, que reservava às sociedades orientais um papel restrito à dualidade entre o papel de origem da assim chamada “Civilização” e aquele de espelho negativo da alteridade do ocidente (Wengrow, 2010; Yoffee, 2013). Se as raízes da nossa história estavam no “oriente”, foram as modalidades cívicas gregas que nos libertaram do despotismo oriental e do misticismo das religiões teocráticas (Guarinello, 2003, 2013; Horden; Purcell, 2000; Vlassopoulos, 2013).

O impulso da desconstrução a partir do pensamento pós-colonial se enraizou e se institucionalizou. Ainda assim, da mesma forma que as forças políticas e econômicas do imperialismo ocidental ainda se reproduzem no século XXI, as forças que reproduzem a ideologia da oposição Ocidente/Oriente para a Antiguidade ainda atuam.<sup>3</sup> Dessa forma, as fronteiras disciplinares se mantêm rígidas e muitas vezes as hierarquias e os essencialismos dos discursos retornam sob novas formas.

Somaram esforços à crítica deste imperialismo ocidental os trabalhos orientados pelas perspectivas decoloniais, que apontaram o papel essencial da narrativa histórica do “ocidente” na constituição da modernidade e da colonialidade em diferentes âmbitos (Ballestrin, 2013; Quijano, 1992). Destaca-se a ideia de uma colonialidade do saber, que aponta para a manutenção, mesmo após os processos de libertação afro-asiáticas do século XX, da centralidade de uma epistemologia eurocêntrica e totalmente conectada à reprodução das relações econômicas e hierarquias de poder ao redor do planeta. Neste sentido, alguns trabalhos apontaram para a valorização das visões de mundo não-ocidentais como modelos para auxiliar na compreensão das sociedades pré-modernas (Bang, 2011).

É neste espírito que este dossiê apresenta um conjunto de artigos que de formas variadas problematizam tal dicotomia, desde o estudo filológico de um autor no polo inicial da genealogia orientalista, Heródoto, até as recepções divergentes das destruições de sítios arqueológicos e estátuas pelo Estado Islâmico, passando pelos problemas do orientalismo na arqueologia da casa no Egito Antigo e pelo mito da origem anglo-saxã no coração da branquitude ocidental.

Partindo de um lugar comum nos estudos sobre Heródoto, que o coloca como parte da genealogia orientalista entranhada nas ciências humanas que afirma uma milenar superioridade axiológica do “Ocidente” sobre o “Oriente”, o artigo de

---

<sup>3</sup> Cf. Na realidade acadêmica, um dos melhores exemplos é o trabalho recente de Ian Morris (2010; Morris; Scheidel, 2016).

**Helmut Loeffler**, *Lessons in Leadership: Herodotus 1.125-126*, busca mostrar que Heródoto é mais ambíguo que esse papel a ele imputado. Mais do que querer enfatizar a superioridade de um “Ocidente” metonimicamente representado pelos gregos, Loeffler afirma que Heródoto buscaria a elaboração de modelos de comportamento positivo e negativo em todas as sociedades que registrou. Ele investiga isso a partir de um caso particular: as representações de Ciro como modelo de líder e monarca, um modelo que se mostra bastante positivo, seja como militar, seja como diplomata. Como o próprio Loeffler conclui, o próprio Heródoto o afirma nas “primeiras linhas das Histórias: ele quer garantir que a memória dos grandes feitos de gregos e não-gregos seja preservada.” Essa perspectiva serve de aviso contra qualquer tentativa de forçar o enquadramento de Heródoto como um escritor contra o “Oriente”.

O artigo *Novas abordagens sobre a arqueologia da casa na Vila de Trabalhadores em Amarna*, de **Thais Rocha da Silva**, propõe a necessidade de se repensar a investigação das casas da Vila de Trabalhadores em Tell el-Amarna. De acordo com a autora, esse sítio serviu para organizar uma visão da casa no Egito Antigo presa, por um lado, a concepções orientalistas e, por outro, a preconceitos vitorianos sobre o espaço doméstico. No que diz respeito às concepções orientalistas, a construção do objeto de investigação foi permeado por tensões entre ‘orientes’ e ‘ocidentes’ que contribuíram para a reconstrução das casas e dos modos de viver dos antigos egípcios a partir de experiências eurocêntricas e coloniais do “outro”. No que diz respeito ao emprego de uma visão de espaço doméstico que reproduz a dicotomia público-privado da sociabilidade burguesa, o artigo critica os enquadramentos que privilegiaram a unidade habitacional da casa, a estrutura arquitetônica, os artefatos e instalações em seu interior, ignorando as sociabilidades que transbordariam esse espaço, o que a autora chama de “casa de bonecas”. Isto é: “um container de atividades e relações sociais”. A problematização da autora a estes modelos eurocêntricos resulta numa interessante reflexão sobre as possibilidades de se voltar aos vestígios materiais ou escritos e do emprego de referências etnográficas, como laboratório de sociabilidades e não com modelos anacrônicos, de forma a buscar uma compreensão holística do que seria a vida doméstica na vila amarniana.

Em *A Idade Média entre historiografia, do ocidente e da branquitude: o caso do Anglo-Saxonismo*, de **Renato Rodrigues da Silva**, encontra-se uma investigação fundamental sobre como na ideia de etnia anglo-saxão entrelaçam-se formas de delimitação inconsciente e invisíveis do que é a branquitude. Artigos que buscam problematizar a historiografia nacionalista sobre sociedades pós-romanas demonstram como são artificiais limitadoras as periodizações e recortes impostos aos historiadores pelo Historicismo. Tal processo, de acordo com o autor, articula formas de racialização da humanidade, típicas dos séculos XVIII e XIX, com narrativas filosóficas da História do Ocidente, também típicas do período, com a investigação filológica e histórica realizada no Reino Unido e nos EUA durante os últimos séculos

sobre esse passado anglo-saxão. E é na segunda parte do artigo, onde se examina o caso da construção desse passado anglo-saxão nos estudos medievais na Inglaterra e EUA, que o autor demonstra como esses estudos buscaram naturalizar os anglo-saxões como a cultura de referência tanto das nações inglesa como estadunidense e, por extensão, como a base racializada de sua hegemonia na civilização ocidental e de seu imperialismo sobre o resto do mundo.

**Jorge Elices Ocón**, em seu artigo, *Caricaturas contra DAESH: construyendo y deconstruyendo Occidente, Oriente y el Islam*, apresenta um trabalho que mescla crítica cultural e estudos de recepção da Antiguidade por meio da análise de caricaturas satíricas feitas em resposta às destruições de monumentos, estátuas e sítios arqueológicos realizadas pelo DAESH na Síria e no Iraque em 2015. Após problematizar as concepções orientalistas nas reações da mídia e de estudiosos ocidentais às destruições, assim como estabelecer o uso da religião islâmica como uma apropriação pela agenda política, cultural e econômica do DAESH, uma apropriação disputada por críticos, Elices Ocón analisa dois conjuntos de caricaturas. No primeiro temos desenhistas europeus, americanos e até brasileiros, reproduzindo de certa forma dicotomias orientalistas que representam os membros do DAESH como ignorantes e fanáticos religiosos. No segundo grupo, com artistas sírios e iraquianos, o autor aponta como a sátira se desloca para a desumanidade das ações do DAESH, colocando lado a lado a importância de se preservar tanto o patrimônio cultural e quanto as vidas das pessoas nos territórios dominados. O autor demonstra, assim o potencial que as caricaturas feitas por artistas locais e muçulmanos para a desconstrução tanto da imagem do Daesh como representante da religião islâmica quanto das concepções orientalistas.

A centralidade da narrativa da civilização ocidental e seus “valores” têm crescido em conjunto com as perspectivas críticas vindas do campo acadêmico. Por um lado, aumentam as manifestações racistas e xenófobas que se utilizam da narrativa do Ocidente como base argumentativa. Por outro, é cada vez maior o número de intelectuais que têm se posicionado publicamente a favor da desconstrução das concepções mais tradicionais acerca da História Antiga, buscando construir um quadro mais diverso acerca da Antiguidade e questionando suas fronteiras temporais e geográficas. Posicionamentos refratários ao elitismo das disciplinas que estudam os mundos antigos têm sido cada vez mais frequentes e os debates – especialmente o racial – têm atravessado tanto o conhecimento como a área profissional que o constrói. Logo, a superação da dicotomia Ocidente/Oriente é uma pedra fundamental na estrada que pavimenta o papel social dos estudos da Antiguidade nas lutas da sociedade atual.

Os quatro artigos aqui publicados se constituem em um conjunto de investigações que, cada um a seu jeito, são representativos da renovação dos estudos

no campo das Antiguidades, incluso esse território de fronteira que é a Idade Média inicial. Eles permitem contestar e desconstruir a naturalização como “ocidentais” ou “orientais” desse complexo de formações sociais no grande encontro da Afroeurasia.

\*\*\*

A seção de artigos livres é composta por oito artigos. O primeiro é de autoria de **Bruno Uchoa Borgongino** e apresenta a análise da Regula Isidori, destacando a função do abade na relação entre os monges e os textos, e seguindo o conceito de comunidade textual de Brian Stock e os Novos Estudos do Letramento.

A segunda contribuição é de **Marcus Cruz**. O autor volta o seu olhar para as heresias e os hereges nas Histórias Eclesiásticas da Antiguidade, especificamente nas obras de Eusébio de Cesaréia, Sozomeno e Evragio Escolástico. O foco do artigo é a discussão sobre a heresia e o herético no contexto inicial dogmático do cristianismo.

**Leandro Vilar Oliveira** e **Angela Albuquerque de Oliveira** são os autores do terceiro artigo, o qual nos apresenta um estudo comparativo entre as Eddas, a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos voltando a atenção para o imaginário medieval do Inferno. Para isso, partem das hipóteses apresentadas pelos filólogos Sophus Bugge e Albrecht Dieterich a respeito do mundo dos mortos da mitologia nórdica, para, então, realizar este estudo comparado, obtendo o resultado de uma ressignificação entre a religião nórdica e o cristianismo a respeito do mundo dos mortos.

O quarto artigo é de autoria de **Eduardo Silva Leite**. O autor trabalha em seu texto com a análise sobre o casamento na epístola XXII de S XXII de São Jerônimo, destacando o processo de cristianização do mesmo e a influência deste acontecimento para uma considerável parcela da sociedade aristocrata de Roma. Para isso, o autor analisa a epístola XXII de São Jerônimo, destacando a proposta elaborada na época frente a esta questão.

**Elton Oliveira de Souza Medeiros** é o autor do artigo que aborda problemas metodológicos e identitários na Inglaterra da Alta Idade Média. Para realizar esta tarefa, Medeiros direciona sua atenção para o contexto da Inglaterra Anglo-Saxônica, entre os séculos VIII-XI, com foco na contextualização das evidências históricas e dos usos das terminologias encontradas.

O sexto artigo é de autoria de **Miguel-Ángel González Hernández**. O tema do artigo é uma análise sobre as construções culturais da Coroa de Aragão na Baixa

Frizzo, Fábio; Silva, Uiran Gebara da  
Apresentação (2020/2)  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Idade Média, com destaque para uma abordagem voltada para apropriações realizadas entre o Oriente e o Ocidente.

O sétimo artigo, de autoria de **Victor Mariano Camacho**, aborda como tema um levantamento bibliográfico sobre o estudo e intelecto na ordem franciscana na Baixa Idade Média. Seu autor destaca os principais trabalhos publicados a partir da segunda metade do século XX e estudos mais recentes que se dedicaram a analisar o desenvolvimento da atividade intelectual entre os franciscanos no Medievo.

Por fim, o último artigo, de autoria de **José D'Assunção Barros**, analisa a chamada crise do feudalismo a partir de uma análise sobre as historiografias francesa e anglo-saxônica produzidas no século XX e que abordaram a passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

\*\*\*

O presente dossiê ainda conta com a colaboração de uma resenha de autoria de **Luan Lucas A. Moraes**, o qual aborda a tradução feita por Jacyntho Lins Brandão da obra “O romance de Tristão”.

\*\*\*

Desejamos a todos uma boa leitura!

Prof. Dr. Fábio Frizzo (UFTM)  
Prof. Dr. Uiran Gebara da Silva (UFRPE)  
**Organizadores 2020/2**

## Referências

Ballestrin, L. (2013) América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, 89–117.

Bang, P. (2011) *The Roman Bazaar. A Comparative Study of Trade and Markets in a Tributary Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Bernal, M. (1987) *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers.
- Diop, C. A. (2010) A Origem dos Antigos Egípcios (pp. 1-36). In Mokhtar, G. *História Geral da África*. Vol. II. Brasília: UNESCO.
- Finley, M. I. (1999) *Ancient Economy*. Berkeley: University of California.
- Guarinello, N. L. (2003) Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politéia-História e Sociedade*, v. III, 41–62.
- Guarinello, N. L. (2013). *História Antiga*. São Paulo: Contexto.
- Hingley, R. (2010) *O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume.
- Horden, P.; Purcell, Nicolas. (2000) *The Corrupting Sea. A Study of Mediterranean History*. Oxford: Blackwell.
- Mattingly, D. J.; Alcock, S. E. (1997) (EDS.). *Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse, and Discrepant Experience in the Roman Empire*. Portsmouth: JRA.
- Morris, I. (2010). *Why the West Rules--for Now: The Patterns of History, and What They Reveal About the Future*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Morris, I.; Manning, J. G. (2005) (EDS.). *The Ancient Economy. Evidence and Models*. Stanford: Stanford University.
- Morris, I.; Scheidel, W. (2016). *What is Ancient History?* *Daedalus*, v. 145, n. 2, 113-121.
- Quijano, A. (1992). Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, 11–20.
- Said, E. (2007). *Orientalismo*. São Paulo: Cia das Letras.
- Said, E. (2003). O orientalismo reconsiderado (pp. 61-78). In *Reflexões sobre o exílio. E outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras.
- Vlassopoulos, K. (2013). *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press.

Frizzo, Fábio; Silva, Uiran Gebara da  
Apresentação (2020/2)  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Wengrow, D. (2010). *What Makes Civilization?* The Ancient Near East and the Future of the West. Oxford: Oxford University.

Yoffee, N. (2013). *Mitos do Estado Arcaico: Evolução dos Primeiros Estados, Cidades e Civilizações*. São Paulo: Edusp.